

PUBLICAÇÃO DO CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - Nº 08

Prédio da FIC é reformado

Primeira etapa da obra requalificou os banheiros, o espaço dos centros acadêmicos e envolveu a troca da fiação elétrica | p. 3

Fernanda A. Domingues



Entrada da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG.

UNIVERSIDADE

**Corte de verbas
prejudica UFG**

| p. 17

**Alunos lutam por
transporte de qualidade**

| p. 9

**Dicas para definir
o tema do TCC**

| p. 15

MERCADO DE TRABALHO

**Desigualdade na inserção
da mulher no mercado de RP**

| p. 4

CENSURA

**Governo federal monitora
campanhas de estatais**

| p. 21



BaianaSystem na UFG | 5

Edição do Música no Campus contou com apresentação da banda soteropolitana.

O Jornal Perspectiva, produção dos alunos de Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás, propõe uma reflexão sobre o ano de 2019. Refletindo sobre este ano, não poderia deixar de dialogar sobre os cortes propostos pelo governo federal para as universidades públicas do país. O ano foi de muita tensão para alunos, professores, técnicos e servidores da Universidade Federal de Goiás, pois não sabíamos se conseguiríamos cumprir o semestre letivo com os cortes propostos pelo governo. Por isso, este foi um tema que preocupou os alunos de Relações Públicas da UFG.

A postura do governo federal em relação à cobertura midiática no Brasil também foi tema desta edição. O veto de uma propaganda veiculada pelo Banco do Brasil trouxe a indignação por parte de comunicadores e alunos de Relações Públicas da UFG, que refletiram sobre o tema em uma matéria especial sobre o assunto.

A vivência dos indígenas na Universidade Federal de Goiás foi outro tema discutido pelos alunos de Relações Públicas. As dificuldades, oportunidades, convivência e diferenças foram apontadas como pontos de reflexão para pensar como está sendo a acolhida dos indígenas nas universidades de uma maneira geral.

Mas não só as preocupações afligiram os alunos em 2019. Um grupo refletiu sobre um projeto importante da Universidade Federal de Goiás, o Música no Campus, que traz cultura e resistência para a comunidade universitária e para a população de forma acessível em tempos em que o governo federal faz cortes nos investimentos de cultura no país.

Uma boa notícia para a comunidade da FIC foi a reforma do seu prédio, finalizada em 2019. A reestruturação foi iniciada no primeiro semestre e foi entregue no tempo previsto. A estrutura era uma das mais antigas que até então não havia sido submetida a nenhuma reforma. Nessa primeira etapa, foram entregues os centros acadêmicos, foi feita a troca da fiação elétrica e remodelação dos banheiros.

Adentrando no universo do mercado de trabalho de Relações Públicas em Goiânia, entender como tem se dado a dinâmica das questões de gênero pelo olhar de quem está inserido nesse meio foi o objetivo de uma das matérias desta edição. Para isso, foram convidadas duas relações públicas para contar ao Perspectiva suas opiniões e vivências sobre o assunto.

O Jornal refletiu, ainda, sobre a qualidade do transporte público para a Universidade Federal de Goiás, a construção do Trabalho de Conclusão de Curso nas Relações Públicas e a fotografia como campo de atuação do profissional do RP. Duas crônicas pensaram sobre a liberdade de expressão e sobre a aceitação da diferença na sociedade contemporânea.

Esta edição do Perspectiva é fruto da dedicação e produção prática dos alunos da Disciplina “Produção de Texto em Jornalismo I e II”, do 4º período de Relações Públicas da UFG no ano de 2019. Boa leitura!

Profª. Dra. Gardene Leão.
Dezembro de 2019

Universidade Federal de Goiás

REITOR

Edward Madureira Brasil

VICE-REITOR

Sandramara Matias Chave

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO – PROGRAD

Flávia Aparecida de Oliveira

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG

Laerte Guimarães Ferreira Júnior

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO – PRPI

Jesiel Freitas Carvalho

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA – PROEC

Lucilene Maria de Sousa

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

E FINANÇAS - PROAD

Robson Maia Geraldini

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS – PROPESSOAS

Everton Wirbitzki da Silveira

PRÓ-REITOR DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL - PRAE

Maísa Miralva da Silva.

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Diretor: Dra. Angelita Pereira de Lima

Vice-diretora: Dra. Andréa Pereira dos Santos

CURSO DE GRADUAÇÃO

EM COMUNICAÇÃO SOCIAL -

RELAÇÕES PÚBLICAS

Coordenador : Profa. Dra. Flávia Martins

Perspectiva

PUBLICAÇÃO DO CURSO DE

RELAÇÕES PÚBLICAS

Endereço para correspondência:

Caixa Postal: 131, Campus II – Samambaia

rpufg@hotmail.com

CEP : 74.001-970 – Goiânia-GO

PRODUÇÃO DE TEXTO JORNALÍSTICO II

Orientadora: Prof. Dr. Gardene Leão de Castro.

Projeto Gráfico: Frederico Oliveira

Diagramação: Frederico Oliveira

Editoras: Profªs. Dr. Gardene Leão de Castro, Dra. Divina

Marques e Dra. Maria Francisca Nogueira

Redação: alunos da disciplina PTJ II / 2019.

Versão on-line: <https://rp.fic.ufg.br/> e

<https://ptjrp.blogspot.com/>

Publicado em dezembro de 2019.

Reforma da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC)

“Para próxima fase da reforma é prevista a troca do piso, a finalização da parte elétrica e, enfim, adequar as salas de aula por conta das divisórias antigas, que não tem tratamento acústico e quando são aulas simultâneas o som de uma sala interfere na outra”

Angelita Lima, diretora da FIC/UFG

Por Júlia Fonseca, Maria Clara Alves, Marília Fernanda e Sara Santos

No segundo semestre de 2019 foi finalizada a reforma do prédio da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC). A reestruturação foi iniciada no semestre anterior e foi entregue conforme o tempo previsto. A estrutura era uma das mais antigas que até então não havia sido submetida a nenhuma reforma. Nessa primeira etapa, foram entregues os centros acadêmicos, foi feita a troca da fiação elétrica e remodelação dos banheiros.

A faculdade conta com cinco cursos (Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Biblioteconomia e Gestão da Informação). Ao todo, são mais de mil estudantes, somado aos técnicos e docentes, a comunidade tem por volta de 1.150 pessoas instaladas. O investimento da reforma foi de aproximadamente de 650 mil reais, adquirido através de uma captação de recursos. As modificações realizadas representaram um terço da reformulação total do prédio.

Foi dada prioridade aos banheiros, pois se encontravam condições precárias e quanti-

dade insuficiente. O projeto ousado alterou um pouco da estrutura tradicional, que resultou na reforma da sala da direção e da copa. Os banheiros do prédio serão exemplo para universidade, porque, além de ter toda a acessibilidade nos dois pisos (tanto superior, quanto térreo), também contam com o fraldário para atender pais e mães estudantes e técnicos.

PERSPECTIVA: Qual foi o retorno dos alunos e dos funcionários com as mudanças realizadas?

ANGELITA LIMA: Vimos o conforto e a satisfação por termos hoje de fato instalações sanitárias adequadas e confortáveis. Tivemos alguns problemas no retorno, inclusive foi preciso fazer algumas intervenções na obra, principalmente referente à parte de instalação de esgoto. Mas nesse momento nos encontramos em um ponto ótimo, estamos bem instalados e nos adequando à nova rotina. Foi um retorno bem bacana, estávamos todos com saudade do prédio e está sendo uma experiência bem satisfatória.

Perspectiva dos alunos da FIC

Os graduandos se encontram satisfeitos com as áreas reformadas, principalmente com a entrega dos centros acadêmicos, que proporcionou entre os mesmos melhor interação e maior comodidade, pois agora todos os cursos da comunicação têm seu próprio espaço. Novidade mesmo foi para os calouros ingressantes de 2019, que ainda não havia conhecido o prédio até então, por terem iniciado o primeiro período com o prédio em manutenção.

Além disso, foi realizada uma pesquisa de levantamento estatístico dos alunos da FIC sobre a reforma e os aspectos mais comentados para as próximas etapas da reforma pelo olhar dos alunos são: a revitalização das divisórias das salas, a troca de pisos, pintura das paredes e instalações de mais bebedouros. A próxima fase da reforma está orçada em aproximadamente em 1 milhão e 300 mil reais e se encontra na fase de captação de recursos.

Mulheres e o mercado de relações públicas goiano

Por Júlia Fonseca, Maria Clara Alves, Marília Fernanda e Sara Santos

A atualidade experimenta um empoderamento feminino jamais visto. Mulheres indo à luta por seus direitos, tendo voz e sendo ouvidas, ocupando cargos e tendo títulos que antes eram inimagináveis para uma mulher. Apesar de um cenário positivo que vem ganhando cada vez mais espaço em nossa sociedade, ainda há muito para se discutir, lutar e evoluir no que se diz respeito às questões de gênero no mundo.

O Brasil ainda é um país com muitos preconceitos enraizados que se refletem em mentalidades que validam a desigualdade de gênero. No mercado de trabalho, mesmo com todos os avanços já obtidos, a disparidade entre homens e mulheres ainda é latente e revoltante. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há uma diferença média salarial de 24% entre homens e mulheres. De acordo com essa mesma pesquisa, os homens possuem um salário médio de R\$2.469,00, enquanto o das mulheres é de R\$1.879,00. Para além de uma questão puramente salarial, há outros pontos que marcam essa visão e postura retrógrada. A desvalorização da mulher no mundo dos ne-

gócios pela maternidade, as inúmeras formas de violência e assédio e a baixa representatividade da mulher em cargos de poder são alguns dos exemplos desse cenário.

Adentrando no universo do mercado de trabalho de Relações Públicas em Goiânia, entender como tem se dado a dinâmica das questões de gênero pelo olhar de quem está inserido nesse meio foi o nosso grande objetivo. Para isso, convidamos duas relações públicas com menos de 10 anos de carreira para contar ao *Perspectiva* suas opiniões e vivências sobre o assunto em questão. A primeira, Thaty Franco, possui 25 anos e é sócia da Agência Dois Y. Já Natália Maestrello é relações públicas na Agência Box Dream, também em Goiânia.

PERSPECTIVA: Ao término do curso de Relações Públicas, qual a maior dificuldade enfrentada para se inserir no mercado de trabalho?

THATY FRANCO: Quando eu terminei o curso de Relações Públicas, a minha maior dificuldade foi saber o que eu queria. Eu sabia que era algo de Relações Públicas que realmente eu queria exercer, que eu tinha me formado no

curso certo, mas fiquei um pouco perdida. Com medo do mercado de trabalho, porque eu não tinha muita experiência, durante a faculdade eu não tinha feito muitos estágios para área de Relações Públicas. Na minha época não existia o estágio obrigatório, então eu não tive muito contato com o mercado de trabalho. Havia a dificuldade de encontrar pessoas que aceitassem uma profissional que não tinha tanta experiência assim. Então, foi quando os currículos não foram dando certo e aí eu fui ficando muito desesperada, sem saber o que fazer. Até que surgiu um papo, com minha sócia atualmente e aí foi quando a gente começou com a Dois Y. Quando a gente pega o diploma, a gente sente uma pressão muito grande, porque, até então, nós éramos universitárias. Depois nós já éramos Relações Públicas. Eu não me sentia preparada pra receber aquele título. Isso me deu uma desesperada e eu comecei a ficar um pouco perdida. Eu sabia que era o que eu queria, mas eu colocava em dúvida: “Nossa, será que realmente eu me formei na profissão certa?”, “Será se eu vou conseguir exercer a profissão?”.

Preconceito

PERSPECTIVA: Na comunicação, quais setores têm maior ingresso de mulheres? E por quê?

NATÁLIA MAESTRELLO: Hoje sou cercada por designers, analistas de marketing, assessoras de imprensa, jornalistas, produtoras de evento, redatoras! Consigo enxergar, apesar das barreiras ainda existentes, mulheres permeando todas as áreas da comunicação. Acredito que temos segurado as mãos umas das outras e levantado a bandeira do empoderamento feminino cada vez mais, mesmo que mais timidamente do que deveríamos.

PERSPECTIVA: Como você acha que está o mercado nas questões de gênero, você acha que os homens ainda exercem a maior porcentagem no mercado? Existe preconceito das empresas com as mulheres na comunicação?

NATÁLIA MAESTRELLO: Estaticamente, temos uma diferença percentual de cerca de 27% a menos de mulheres inseridas na listagem de trabalho remunerado, com relação à listagem masculina. Então, sim. We still in a man's world. Acredito que existam empresas, comandadas por homens e mulheres, que ainda tenham uma visão de gênero distorcida e estereotipada, mas também acredito e convivo com gestores e líderes que lutam para romper estes impasses e sabem que alcançam resultados incrivelmente maiores quando entendem que o diferencial é a capacidade e não o gênero.

Música no Campus apresenta BaianaSystem

Por Maria Clara Costa, Marilia Fernanda Sousa, Mikaelly Lima de Souza, Rebecca Gonçalves de Sousa, Anna Carla Barci, Geovanna Karla Oliveira, Lilianne Cristina Lima Borges e Mariana Lara Amorim.

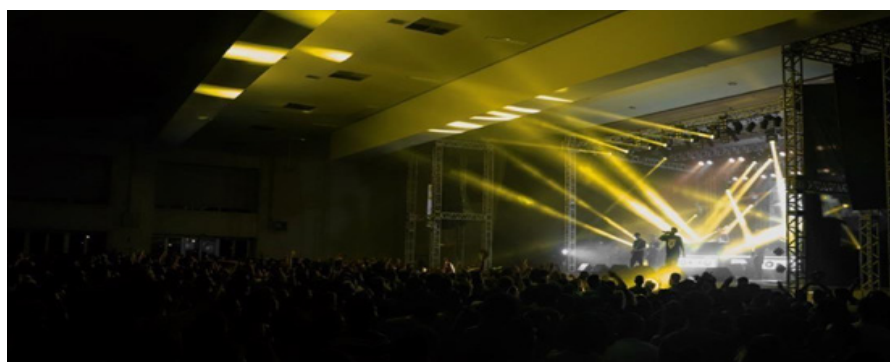
A Universidade Federal de Goiás (UFG), objetivando a promoção da cultura no campus Samambaia, abriu, no dia 23 de abril, a temporada de 2019 do projeto Música no Campus, que contou com a performance da banda BaianaSystem. O show ocorreu no Centro de Cultura e Eventos Professor Ricardo Freua Bufaiçal, às 20h30.

Tendo início em 2009, o projeto Música no Campus surgiu como uma necessidade de levar a experiência musical para os estudantes da universidade e comunidade local, visando incentivar a difusão da cultura brasileira. Desde a sua 1ª edição, já estiveram presentes no palco nomes de grande peso no cenário da música brasileira, como Elba Ramalho, Gilberto Gil, Zeca Baleiro, Lenine, Milton Nascimento, Toquinho e Gal Costa.

Em 2019, o projeto completou dez anos e nada melhor que comemorar ao som do BaianaSystem, que também estará completando uma década de carreira. A banda BaianaSystem foi formada em Salvador - BA e possui como integrantes: Russo Passapusso (voz), Roberto Barreto (guitarra), Marcelo Seko (baixo) e Filipe Cartaxo (arte). O propósito da banda, criada em 2009, era de explorar musicalmente um diálogo entre a voz, a "guitarra baiana" e o "sound system", que é um sistema de som jamaicano, trilhando entre os ritmos samba-reggae, ijexá e ska. O grupo lançou esse ano seu terceiro disco, intitulado "O Futuro Não Demora", que trabalha genuinamente a dualidade entre Água e Fogo, seu setlist para o show mesclou estas músicas inéditas em Goiânia com músicas dos

Em 2019, o projeto completou dez anos e nada melhor que comemorar ao som do BaianaSystem, que também estará completando uma década de carreira.

A banda BaianaSystem foi formada em Salvador - BA e possui como integrantes: Russo Passapusso (voz), Roberto Barreto (guitarra), Marcelo Seko (baixo) e Filipe Cartaxo (arte). O propósito da banda, criada em 2009, era de explorar musicalmente um diálogo entre a voz, a "guitarra baiana" e o "sound system", que é um sistema de som jamaicano, trilhando entre os ritmos samba-reggae, ijexá e ska. O grupo lançou esse ano seu terceiro disco, intitulado "O Futuro Não Demora", que trabalha genuinamente a dualidade entre Água e Fogo, seu setlist para o show mesclou estas músicas inéditas em Goiânia com músicas dos



BaianaSystem no Música no Campus

álbuns anteriores.

A professora da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) e pró-reitora adjunta de Extensão e Cultura (PROEC), Flávia Cruvinel, a idealizadora do projeto Música no Campus, comentou, em entrevista ao Perspectiva, sobre a proposta primordial do projeto: “Levar para a comunidade interna e a comunidade externa, shows que expõem a riqueza e a diversidade cultural e musical brasileira”, além de artistas com grande reconhecimento, como o BaianaSystem, o projeto também abraça aqueles que são desconhecidos do grande público.

Por mais que sejam consagrados no meio artístico, alguns são apagados da grande mídia e suas contribuições à música brasileira são abafadas, como exemplo, foram citadas algumas edições passadas, que contaram com os shows de Ná Ozetti, Vanguarda Paulista, Tom Zé, Amilton de Olanda, entre outros, que só foram viabilizados, em Goiânia, por conta do Música no Campus.

Sobre aspectos monetários, ela afirmou que, diferente do mercado cultural, que prioriza a lucratividade, a UFG, assim como outras instituições públicas, trabalha com investimento. Dessa forma, os shows acontecem porque a universidade investe, juntamente com patrocinadores, em produções artísticas que contam com ingressos acessíveis visando um maior alcance da comu-

nidade, por isso nem sempre a arrecadação cobre os custos necessários, pois como relatado: “Aqui já tivemos shows que em termos monetários estavam em cartaz a 200/300 reais e aqui por dez reais”.

Questionada sobre o feedback do público, Flávia apontou a grande dimensão que o projeto vem tomando, obtendo reconhecimento inclusive no exterior. No Brasil, é reconhecido pelas instituições de ensino superior e já mantém um público cativo, independente da atração: “São fãs do projeto, que por vezes não conhecem o músico que vem, mas eles querem conhecer a partir do projeto”.

Entrevistamos a estudante de 19 anos, do curso de Relações Públicas, da UFG, Anna Carla Barci, que contou sobre a sua primeira experiência com o Música no Campus, com o BaianaSystem: “Foi uma experiência muito boa por completo: custo de ingresso acessível para o público universitário, ambiente com seguranças, ótima acústica, espaço amplo que confortou a plateia e, para completar, a ótima escolha da banda para estrear essa temporada.” A estudante de Ciências Ambientais, também da UFG, Natalie Nunes, de 22 anos, contou que é uma grande fã da banda e já teve a oportunidade de vê-los se apresentarem em outros lugares. Também comentou sobre o público: “O show do BaianaSystem sempre tem o público bem diversificado desde faixa etária até as tribos, curtir essa união no ambiente

da faculdade foi uma experiência incrível”.

A partir de uma análise profissional é possível certificar a importância de um projeto musical, principalmente para a comunidade acadêmica. Em entrevista, a professora e coordenadora do curso de graduação em Musicoterapia da EMAC, Fernanda Valentin, afirmou que a música, quando utilizada corretamente, pode auxiliar na redução do estresse e ansiedade, ativar conexões mentais, melhorar a memória, estimular a criatividade e auxiliar na coordenação motora. É importante também para a sociabilidade, visto que promove a integração e sentimento de pertencimento grupal.

Questionada sobre o Música no Campus, ela comentou sobre os benefícios para os participantes: “Além de entretenimento e socialização, podem também se reorganizar emocionalmente, reafirmando suas pautas identitárias e preferências musicais”.

Fernanda Valentin acredita na relevância social e cultural e é grande apoiadora e admiradora do projeto, além disso, destaca a importância desse evento no contexto atual de crise artístico-cultural: “Em meio a tantos ataques a cultura, a permanência de um projeto que oferece o acesso à música popular brasileira em suas diferentes expressões, a um custo acessível, tem um papel importantíssimo!”.



posso ajudar?

Por Marcos de Araújo Furtado

Naquele dia, seus passos estavam pesados. Fato que quase tornou impossível a caminhada até o trabalho, mesmo sendo logo ali, do outro lado da rua.

As unhas pintadas de preto não suportaram a saliva e as mordidas da noite anterior e agora estavam descascando. Mostrando, em alguns dedos, machucados feios e em outros, apenas unhas com bordas ásperas e uns pequenos fiapinhos que perturbavam e agonizavam petulantemente, até serem retirados de vez dali. Com os dentes, é claro.

Seu uniforme vermelho, que balançava com o vento durante a caminhada, era de um tecido fino e fresco, mas tinha o peso de um colete à prova de balas.

O suor que saía de seus poros era absorvido instantaneamente pela trama de algodão, que o fazia colar em seu corpo, tornando ainda pior a sensação de vesti-lo.

Enquanto se deslocava pela rua, sua mente viajava por caminhos solitários e angustiantes. Era como se assistisse a sua caminhada de cima, como num videogame em terceira pessoa. Sentia como se não pudesse escolher suas próximas atitudes. Estava no piloto automático e percebeu que pra desativar tal função precisaria de uma força descomunal. Difícil demais para um dia como aquele.

Queria dar meia volta com seu avatar e sair correndo sem rumo pela calçada, contra o sentido do mundo, contra a correnteza da sociedade. O que acontecia, em contrapartida, era um passo atrás do outro, cada vez mais perto do estacionamento gigantesco e dos “carrinhos” de supermercado, que não faziam jus ao diminutivo de seu nome. “Caminhões” de mercado, quem sabe?

Reparou que a florzinha solitária que ficava na base da pilas-

tra de concreto, próxima à placa de “saída”, estava tomando um tranquilo banho de sol, com sua face voltada para a luz e vivendo sua existência de forma plena. Mais uma vez, sua vontade era de agachar, sentar-se perto dela, tocá-la e sentir seu perfume, mesmo que para isso precisasse deitar o rosto no chão. Mesmo que o cheiro fosse o da urina de algum vira-lata que pudesse ter passado por ali no dia anterior e marcado território. Outra vez, a inércia só permitia que continuasse aquele percurso com pressa. Já estava passando da hora de bater ponto e não podia perder aquele emprego.

A porta automática abriu antes mesmo que pudesse ter vontade de arrumar seu cabelo, como de costume. Dessa vez precisaria ir direto ao banheiro, olhar-se no espelho, arrumar sua franja comprida e tingida de roxo e recompor-se para começar o expediente. Seus passos se apressaram à medida que a luz excessiva daquele ambiente intimidava sua autoestima.

Mais uma vez se viu de cima, como se estivesse assistindo aquela cena por uma câmera de segurança, instalada na armação de metal, a sabe-se lá quantos metros de altura. Estava de costas para ela, por isso pôde ler logo abaixo de sua nuca raspada, no uniforme cor de sangue, as palavras em caixa alta: “Posso Ajudar?” e desejou, do fundo do coração, que fossem outras.

Seria pedir muito trocar algumas letras e somar outras? Seria pedir muito tirar aquela merda daquela frase, que fazia parecer que estava em condições de ajudar alguém e trocar por: “Pode me ajudar?”.

A resposta veio rápida, certa e surpreendente, em forma de impacto e dor: “Não. Não posso e não quero!”.

Um tapa pesado no pé do ouvido a fez cair no chão, aos prantos. Não bastasse isso, uma voz pigarreada de um senhor irritado ecoou no galpão vazio: “Sua bichinha desgraçada, já falei pra você que esse banheiro é o FEMININO e você não tem nada que fazer aí dentro. Vai já pro seu lugar! E se quiser passar maquiagem, vai ter que arrumar outro patrão que te aceite!”

Agachada no chão, sentia as lágrimas caírem sobre suas mãos.

A “câmera de segurança”, criada por sua mente fértil, avistou então o velho voltando com um cabo de vassoura, extremamente nervoso.

Assustada, levantou rapidamente, esfregou o rosto e finalmente sentiu uma faísca de esperança se acender dentro de si. Arrancou sua camiseta e atirou-a no chão. A palavra que ficou pra cima foi “Posso”.

E ela sabia que podia.

Uma vida nova estava por vir. Saiu correndo pelas grandes portas de vidro, sentindo o vento bater em seu corpo livre. Foi direto ao encontro da pequena florzinha, agachou, deu um beijo nela e correu.

Contra a correnteza da sociedade.

A luta estudantil pelo transporte público universitário de qualidade

Discentes queixam-se do transporte público que abastece o Campus Samambaia, de atrasos e superlotação.

Por Luanny de Sousa Arantes e Alvaro Felipe Souza Oliveira.

A Universidade Federal de Goiás (UFG), nos seus respectivos cursos de graduação, mestrado e doutorado, possui mais de 28 mil estudantes efetivos. Como, a cada quatro alunos, três são de baixa renda, a UFG possui uma grande demanda por transporte público de qualidade, pois é desta forma que a maioria dos discentes consegue chegar até a instituição. Todavia, estes alunos, ao longo dos anos, têm enfrentado dificuldades para frequentar e permanecer na universidade. Cursar o ensino superior não é tarefa fácil e fazer isto sem a ajuda de um transporte seguro, ágil e de qualidade, torna-se ainda mais difícil.

Esta dificuldade tem sido enfrentada pela estudante ingressante no curso de Relações Públicas, Jaqueline Costa Rosa da Silva. Segunda Jaqueline, a sua experiência com os ônibus que a levam até a universidade tem sido “razoável, eles saem sempre muito cheios e com atrasos”. Jaqueline utiliza a linha 263- Praça da Bíblia/ Campus UFG e diz que a RMTC (Rede Metropolitana de Transpor-

te Coletivo) “poderia criar uma linha que vai do Terminal Novo Mundo até a Universidade, sendo que existe um fluxo grande de alunos que saem da Zona Leste para o Terminal Praça da Bíblia e isso é esquecido levando ao contingenciamento da linha 263. Além disso, essa linha passa pelo CRER (Centro de Reabilitação e Readaptação), acredito que melhoraria se passasse mais ônibus acessíveis para cadeirantes saindo também do terminal que fizessem uma rota até o CRER e voltassem, assim iria diminuir o super fluxo de pessoas. Uma outra sugestão é que tenha um ônibus que vá direto para o Campus Samambaia, sem parar nos pontos durante o trajeto”.

Estas insatisfações não são apenas dos alunos ingressantes. Assim como Jaqueline, o estudante Leonardo Higor de Sousa Nascimento, que cursa o sétimo período de Relações Públicas, diz que a sua experiência durante os últimos anos “não foi nada boa, o transporte atende à necessidade, mas é só! Não vale R\$4,30. Eu percorro um trajeto longo que vai do Ter-

minal Garavelo até o Campus Samambaia. Passo mais tempo no ônibus que na própria universidade”. Além do mais, o estudante afirma que “a qualidade deve ser questionada, somos consumidores que não exigem qualidade na experiência de “compra”. Não podemos deixar de consumir, então vamos cobrar! E o que poderia ser cobrado é segurança e rotas mais eficientes.”

Inúmeras reclamações são realizadas todos os dias por estudantes e trabalhadores, sejam dentro dos próprios ônibus, terminais ou redes sociais. As promessas vindas do governo estadual e da RMTC são muitas, muitas delas não chegam sequer a acontecer, deixando os alunos frustrados e preocupados, pois o aumento da passagem para R\$ 4,30 de fato ocorreu, mas a precariedade ainda é uma realidade diária nos coletivos.

A demora dos ônibus e a superlotação são reclamações que os estudantes encaminham ao DCE (Diretório Central dos Estudantes), que sendo a entidade de maior representação dos estudantes da UFG possui a responsabili-

dade de reivindicar os direitos dos universitários perante a RMTc e o Estado. O diretório, ciente disso, possui a problemática como pauta de altíssima importância e têm conquistado algumas vitórias ao movimento estudantil como a criação da linha 933 - Terminal Padre Pelágio/ Recanto do Bosque/ Campus UFG, que passou a atender a demanda de muitos estudantes destas regiões. Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido na luta pela melhoria do transporte público universitário. E para uma melhor compreensão deste posicionamento do DCE, o Perspectiva entrevistou um dos membros do diretório, Odiney Souza, que cursa o quinto período de Engenharia Elétrica e é participante ativo na luta pelos direitos estudantis. Confira:

PERSPECTIVA: Qual a proposta do DCE sobre a problemática do transporte público na UFG?

ODINEY SOUZA: Recentemente, surgiu pelo grupo no Facebook da UFG, muitas reclamações sobre as linhas de ônibus que abastecem o Campus e a partir disso, abrimos uma pesquisa com o objetivo de saber quais eram os pontos principais de insatisfação dos alunos em relação a essas linhas. A proposta é sempre ouvir os estudantes e suas necessidades e levá-las até os órgãos responsáveis, para que a experiência na universidade seja a mais segura, confortável e proveitosa possível.

PERSPECTIVA: Houve uma reunião por parte de DCE com a RMTc recentemente. Quais as pautas abordadas por vocês nessa reunião e quais respostas obtiveram desse encontro?

ODINEY SOUZA: A primeira pauta abordada foi em relação à linha 933. Foi discutido em reunião a respeito dos horários, pois eles estavam com um espaçamento muito grande e muitos atrasos. O último 933 passava às 21h15, em horário de aula, então os estudantes perdiam o ônibus ou tinham que sair mais cedo, abandonando a aula para poder pegá-lo. Houve muita discussão e chegamos ao consenso que passaria um 933 às 21h40 e o último às 22h10. Além disso, foi discutido também em relação à maior circulação da linha 302 que tem um espaça-

mento muito grande entre um horário e outro e os alunos que fazem o percurso campus Sambaíba e Universitário saem prejudicados com isso, então cobramos à RMTc. Houve uma melhora; porém, ainda falta muito para o ideal.

Em relação ao transporte, está nas nossas pautas também a situação de estudantes que vêm de outras cidades. Nós estamos solicitando junto a prefeituras dessas cidades e à prefeitura de Goiânia que o transporte seja mais específico para esse tipo de estudante e que eles não tenham que pagar a mais por esse deslocamento até a universidade que é o que acontece hoje e estabilidade de horário das linhas, principalmente à noite. Também levamos as muitas reclamações sobre a linha 263 em relação à superlotação e ao grande espaçamento de horários.

PERSPECTIVA: Foi o DCE que criou a #RMTccademeuonibus? Para o diretório, a hashtag teve um retorno satisfatório?

ODINEY SOUZA: Nós não fomos os criadores da #RMTccademeuonibus, essa ação partiu dos estudantes e foi por meio deles que ela viralizou e obteve um engajamento satisfatório para todos. Porque quando esse tipo de cobrança toma essa dimensão na internet nos traz credibilidade quando falamos com as autoridades, mostra que nós estamos falando como representantes reais dos estudantes e que suas reclamações são válidas e precisam de respostas e resultados eficazes.



“ Não podemos deixar de consumir, então vamos cobrar! E o que poderia ser cobrado é segurança e rotas mais eficientes”

LEONARDO NASCIMENTO

Estudante de Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás

A graduação de um Relações Públicas e suas perspectivas quanto ao mercado de trabalho



Por Bruna Pedrosa Lima e Tainara Santos Freitas.

A época da graduação é, para muitos de nós, cheia de dúvidas e expectativas quanto ao nosso futuro profissional. Muitas vezes nos pegamos pensando ‘será que estou no caminho certo?’ e não foi diferente com a Beatriz Carvalho, Relações Públicas formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em 2014, com MBA em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais pelo IPOG.

Sua trajetória passa por experiências nos segmentos de hotelaria, moda e varejo de luxo em Goiânia. Hoje ela

comanda a Secretaria de Comunicação da UFG do recém-inaugurado Campus Aparecida da UFG.

Dividimos uma agradável manhã de conversa com a Beatriz no Café Bianco e, entre alguns capuccinos e tapiocas, ela nos falou sobre seu caminho profissional desde os primeiros vislumbres e expectativas ainda durante a graduação, as primeiras experiências de estágio, cursos e eventos indispensáveis, livros que fazem a diferença e ajudam a criar ideias e atitudes inovadoras, suas rotinas, posicionamento pessoal e habilidades que temos que desenvolver como pontos fortes

enquanto RPs.

Beatriz nos mostra ainda seu ponto de vista e vivências dentro dos universos da iniciativa pública e privada. Falamos, também, de maneira mais breve, sobre seu mais recente projeto profissional de consultoria.

PERSPECTIVA: Como você imaginava o mercado de trabalho antes das suas experiências profissionais? Como foi o seu primeiro estágio?

BEATRIZ CARVALHO: No início eu tinha a ideia de que logo no 1º semestre da graduação iria realizar a maior gestão de crise da vida (risos), porém não foi bem assim e a gente meio que leva um baque. Me senti impaciente e pensei logo em largar a faculdade. Mas meus pais me aconselharam a persistir e a conhecer melhor esse universo.

Outra frustração foi também por conta do mercado. Quando pesquisava vagas de emprego no jornal impresso, achava que iria ver “contrata-se Relações Públicas”. Infelizmente eu nunca via. Isso vem da cultura regional mesmo, de não reconhecer a profissão. Uma luta que é vencida por nós em batalhas

diárias e seguimos construindo nossa valorização.

Mais tarde, quando tive a rotina de idas a São Paulo e ao Rio por conta do trabalho, era natural me apresentar como RP e as pessoas entenderem que profissional eu era. Sempre tem aquele parente mais velho que pergunta: 'RP? Mas o que é isso? Nunca ouvi falar' ... quando você é mais novo fica até sem graça, eu mesma já me preocupei em explicar, mas com o tempo você passa a ter a consciência de que não tem culpa da ignorância dos outros, de alguém não conhecer sua profissão ainda. Hoje digo com convicção, sou RP. Apenas.

Na época da graduação senti bastante dificuldade para conseguir uma vaga como Relações Públicas. As vagas geralmente são para qualquer área da comunicação. Então, aquilo foi me deixando muito frustrada.

A minha solução (para conseguir o primeiro estágio) foi enviar uma apresentação no e-mail, falando quem eu era e apresentando as funções que um Relações Públicas pode exercer e o que difere o profissional dos outros profissionais da comunicação.

Meu primeiro estágio foi no Castro's Park Hotel na área de Marketing. Foi uma experiência muito incrível, em um ano eu acho que evolui assim loucamente.

PERSPECTIVA: Atualmente, como você enxerga o mercado de trabalho para um profissional de Relações Públicas?



“Ninguém deveria ficar o tempo todinho da graduação em um único estágio”

BEATRIZ CARVALHO

Relações Públicas da UFG

BEATRIZ CARVALHO: Com o passar do tempo, percebi que o desconhecimento que as pessoas tem sobre um Relações Públicas era particular de Goiânia. Trabalhando no eixo Rio de Janeiro - São Paulo isso se confirmou. O reconhecimento quando eu me apresentava para as pessoas era meio que imediato.

Na maioria das vezes as vagas que são ofertadas buscam ações e funções de um RP; entretanto, não tem a denominação Relações Públicas e muitas vezes isso é somente a desinformação quanto ao cargo.

PERSPECTIVA: Qual seu conselho para alguém que nunca fez estágio ou trabalhou ainda?

BEATRIZ CARVALHO: Se você tiver a oportunidade de conhecer várias facetas vai ser melhor até mesmo para en-

tender o que você como profissional gosta mais.

PERSPECTIVA: Qual atividade de Relações Públicas você mais desenvolveu na iniciativa privada?

BEATRIZ CARVALHO: Trabalhando no Castro's e na M.POLLO eu exercia bastante o planejamento, seja de eventos ou até mesmo de campanhas com o público interno e externo. Ainda que eu não tenha trabalhado em um cargo de Relações Públicas, sempre trabalhei muito na parte de estratégia e planejamento. Mas a minha área de atuação era mesmo no Marketing.

PERSPECTIVA: Como está sendo trabalhar em uma instituição pública?

BEATRIZ CARVALHO: É um desafio. Trabalhei durante muito tempo na iniciativa privada na M.POLLO. Quando comecei a trabalhar na Secretaria de Comunicação da UFG (SECOM), em fevereiro de 2019, realizei um diagnóstico para entender como tudo funciona. Tento sempre trazer a energia da iniciativa privada para a pública.

PERSPECTIVA: Quais as suas principais rotinas?

BEATRIZ CARVALHO: Posso dizer que não tenho uma rotina certa, como tem muita demanda, termina que não tenho um horário definido. A correria é diária, essa visão que a maioria das pessoas tem em relação ao Setor Público

está errada. Produzo bastante material e faço mil coisas ao mesmo tempo.

PERSPECTIVA: Como é a sua equipe?

BEATRIZ CARVALHO: Hoje a equipe basicamente sou eu. Como é tudo recente ainda não temos um squad. Faço de tudo, tiro fotos, escrevo, planejo, produzo evento, é muita coisa, uma vertente totalmente diferente da que eu levava na iniciativa privada. Como já mencionei eu meio que coordenava bastante, agora coloco a mão na massa real (risos).

PERSPECTIVA: Se você pudesse, o que diria a si mesma na época da graduação?

BEATRIZ CARVALHO: Diria para não ter pressa, aproveitar esse tempo que passamos no ambiente da universidade que tudo vai se encaminhar bem. É importante valorizarmos esse tempo, ele é precioso, são quatro anos que passamos dentro da graduação. Achamos que vai demorar a passar; porém, tudo acontece muito rápido, então sempre que você tiver que tomar alguma decisão que envolva sua formação acadêmica, priorize ela. Se seu estágio lhe toma muito tempo e demanda, reconsidere.

Sempre que você pensar assim, eu fico mais tempo no trabalho do que na aula, você tem que parar e falar não, eu vou para aula e fico menos tempo no estágio. O trabalho você vai fazer o resto da vida de vocês, agora, a Universidade, ela vai passar.

A fotografia em Relações Públicas : uma conversa com Ana Domitila

Por Ana Carolina Miranda de Souza, Anaura da Cruz Vieira, Izis de Sousa Pereira e Emilly Isabelle Filetti

A fotografia é um instrumento de intensa importância cultural, social, midiática e econômica. Para a área da Comunicação isto ganha maior destaque, pois suas atuações estão completamente ligadas com o conceito de imagem. Nesse sentido, a fim de discutir melhor sobre como a fotografia se aplica nas Relações Públicas, entrevistamos a profissional Ana Domitila, cujos estudos focaram na relação entre a sua área de atuação e a fotografia.

Ana Domitila Rosa Lemos Silva, de 24 anos, é bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). O seu interesse pela fotografia a acompanha desde a infância e influenciou na sua formação acadêmica. Sendo assim, Ana Domitila utilizou cada trabalho como uma oportunidade para produzir vídeos e fotos. Diante disso, confira algumas informações concedidas por ela ao *Jornal Perspectiva*.

PERSPECTIVA: Primeiramente, gostaríamos de saber a partir de qual momento a fotografia passou a ser alvo do seu interesse acadêmico? Houve muita influência da sua trajetória pessoal?

ANA DOMITILA: (...) Em 2012, alguns meses antes de ingressar na UFG, tive meu primeiro contato com um curso de fotografia e produção de videoclipe, o que aguçou ainda mais meu interesse. Portanto, quando iniciei a graduação, eu já tinha o objetivo de estudar essa área da comunicação e como estudei a estrutura do curso antes de ingressar na UFG, tinha grandes expectativas sobre a disciplina de Introdução à Fotografia. Durante toda a graduação eu utilizei cada trabalho como oportunidade para produzir fotos e vídeos, além desse ser um tema recorrente, quase exclusivo, nas pesquisas que desenvolvi com meus colegas de sala, professores e profissionais da área, com quem entrei em contato. Decidir focar na aplicação e processo de produção desses materiais na realidade das Relações Públicas foi algo que surgiu logo na metade do curso, quando eu,

a partir das pesquisas, que a aplicação de vídeos para as atividades de RP na época era menos expressiva.

Atualmente, a disciplina de fotografia é uma das matérias obrigatórias da grade de Relações Públicas e tem como objetivo ensinar para os alunos técnicas de registro e produção de fotografia básica. Tal disciplina é ministrada pela professora Ana Rita Vidica, publicitária e professora da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG).

PERSPECTIVA: Esse interesse em pensar e pesquisar sobre a fotografia foi incentivado dentro da Universidade?

ANA DOMITILA: Sim, todas as professoras e professores incentivaram esse interesse, me orientando sobre leituras e conteúdos onde eu poderia encontrar mais material para desenvolver minha ideia de pesquisa. Em especial as professoras Gardene Leão, Flávia Martins e Lúcia Casaroli demonstraram maior interesse pela minha pesquisa e mais tarde vieram a ser minha orientadora e membros da banca examinadora do meu TCC, respectivamente.

PERSPECTIVA: Pode nos contar um pouco sobre o processo de construção do seu TCC?

ANA DOMITILA: Primeiramente eu pensei em pesquisar a fotografia em Relações Públicas no processo de formação dos profissionais e como isso era aplicado por egressos do curso no mercado, ou seja, era uma pesquisa mais institucional sobre a graduação na UFG. Conforme eu fui aprofundando minha

investigação, fui percebendo que a produção e aplicação das fotos nas atividades de um RP eram enquadradas nas modalidades de fotografia jornalística ou publicitária, mas me deixou muito inquieta entender que essa classificação não se aplicava de forma orgânica à realidade das instituições quando se tratava de um contexto de comunicação organizacional. A partir daí eu comecei a investigar sobre a produção e uso da foto por profissionais de RP e identifiquei algumas diferenças na forma como elas eram entendidas por esse grupo. Encontrei dificuldades ao buscar leituras sobre a fotografia em RP pela falta de publicações sobre o assunto, tanto no sentido de investigação sobre as contribuições dessa disciplina na graduação, quanto sobre as suas aplicações no dia a dia das empresas onde atuam RPs. Foi então que, embasada por diversos autores, cheguei à conclusão de que haveria a possibilidade de estarmos lidando com outro tipo de foto, de cunho institucional, feita pela e para a organização. Nesse momento eu busquei teóricos dos tipos de foto já consolidadas (jornalística e publicitária) com o objetivo de identificar o processo de formação da identidade dessas modalidades e seus principais aspectos. Daí tracei um comparativo com a realidade das RPs e sugeri a classificação de Foto-RP que apresento na monografia.

Fotos-RP

Ana Domitila propôs três ca-

tegorias em sua classificação para as Foto-RP. A primeira, Fotografia de Exaltação, diz respeito às imagens que possuem o intuito de engrandecer um objeto ou situação, ressaltando suas qualidades para que estas sejam reconhecidas positivamente pelo público. A segunda, Fotografia de Encenação, tem como propósito apresentar de forma informativa uma característica ou situação pela qual a organização passa e divide-se entre mais duas categorias. A Encenação-Real, quando elementos reais da instituição compõem a fotografia e a Encenação-Falsa, quando os elementos fotografados não possuem ligação com o cotidiano organizacional e precisam ser contextualizados. Por fim, a terceira e última classificação é a Fotografia de Comoção, na qual o objetivo é cativar o público por meio de elementos e composições fotográficas que despertem o caráter emocional e sentimental dos indivíduos, a fim de estabelecer vínculos com a organização.

O Perspectiva também perguntou para Ana Domitila quais são suas percepções diante do mercado de trabalho para a fotografia em Relações Públicas. A mesma respondeu que o cenário atual é próspero e guarda grandes desafios e oportunidades para o RP. Vivemos em uma época que: “uma imagem vale mais que mil palavras” e hoje estas estão tomando cada vez mais espaço como ferramenta comunicacional. Entende-se, então, que o mercado cobrará cada vez mais profissionais capacitados para lidar com a fotografia, o que faz com que a disciplina e os estudos referentes a ela se tornem cada vez mais relevantes na graduação dos relações públicas.

Como achar o tema ideal para o TCC

Por Ana Clara Pereira, Ellen Pinheiro, Isabela Araújo, Júlia Montone e Lygia Moreira.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aflige muitos estudantes durante o período final da graduação. O trabalho, que é iniciado a partir do 7º período, tem o objetivo de reunir todo o conhecimento adquirido durante o curso, bem como mostrar para a banca examinadora que o aluno está apto a exercer a profissão.

Os alunos de comunicação têm a oportunidade de realizar o trabalho individualmente, em dupla ou em grupo. Tendo isso em vista, durante uma entrevista, a aluna do 7º período de Relações Públicas, Joyce Magrini, alerta sobre a importância de trabalhar em grupo desde cedo: “o trabalho em grupo é importante desde o primeiro período, para gente aprender a lidar com outras pessoas, porque até no mercado de trabalho a gente vai lidar com isso, né?”.

Na intenção de entender melhor como ocorre a execução de um TCC procuramos para nos conceder uma conversa, a aluna Joyce Magrini, que está trabalhando em um projeto experimental com o tema “Reconhecimento e fortalecimento da profissão de Relações Públicas no cenário goiano”.

PERSPECTIVA: Como é trabalhar no TCC?

JOYCE MAGRINI: Muito difícil. Mas a minha orientadora é ótima, é a Flávia Martins. Então toda semana a gente se reúne com ela, toda sexta-feira. E toda sexta-feira ela passa algumas ações para gente fazer durante a semana. A gente lê alguns livros, porque precisa ter muita carga de leitura. Para você escrever uma, duas páginas, você precisa ler uns três livros, porque você não vai conseguir escrever um TCC inteiro com menos de 20 livros lidos. O primeiro momento de um projeto experimental é fazer a leitura, a parte escrita e projetar as ações. O segundo período é quando a gente vai colocar as ações em prática.

Por ser um momento crucial da vida acadêmica, muitos alunos apresentam dificuldades na hora de realizar o TCC. Uma delas está no momento da escolha do orientador, uma vez que é mais favorável que este tenha afinidade com o tema pensado pelo aluno, como cita a recém-formada no curso de Relações Públicas, Daniele Lima: “Quando a gente vai achar um orientador pro TCC, ele precisa saber de determinados assuntos. Se você quer falar sobre uma coisa, o orientador tem que dominar aquilo, tem que ter bagagem para aquilo, para seu trabalho sair bom. Ou, também, simplesmente eles não vão querer te orientar por-

que eles não dominam aquilo, então vão ter que estudar uma coisa nova pra poder te ensinar e tudo mais.”.


Apesar de o TCC começar de fato no 7º período, é comum que muitos estudantes amadureçam a ideia desde antes, tendo em vista que algumas matérias ao longo do curso introduzem métodos que podem ajudar na realização do trabalho. Esse ponto foi discutido durante a entrevista com a Daniele.

PERSPECTIVA: Como foi o processo de escolha até chegar ao tema final?

DANIELE LIMA: Eu comecei a pensar no TCC a partir do quinto período, porque no sexto período a gente começa a ter teoria e método de pesquisa, que é quando você vai fazer o seu projeto, que é um resumo do seu TCC. Normalmente tem de 15 a 20 páginas.

Durante a entrevista, Daniela alerta para a importância de existir uma afinidade do estudante com o tema escolhido para trabalhar. Ela cita que, ao longo do curso, chegou a mudar de tema uma vez por perceber que não gostava dos autores que tratavam do assunto.

Nesse sentido, a professora M.a Eva Arantes aconselha os alunos mais indecisos a se atentarem às matérias que mais gostaram ao longo da graduação. Isso possibilita maior identificação com a



“Além de ser interessante, o tema de TCC tem que ter relevância para a área de comunicação e de relações públicas. Então, o aluno tem que trazer um tema que traga alguma contribuição para a área de RP”

EVA ARANTES

Professora de Relações Públicas

parte teórica necessária para fundamentação do TCC, como menciona a professora: “Então a gente tem que pegar a afinidade que ele tem teórica e o que ele tem de vivência também no mercado, com o estágio e trazer um tema para o que ele gosta, porque o TCC é um trabalho de um ano que ele vai pesquisar muito, ler muito, então ele tem que ter uma afinidade com o tema. Esse é o ponto principal.”.

Por fim, ao ser questionada e entender a angústia dos alunos, a professora alerta sobre a maneira mais eficiente de saber se o tema escolhido é o ideal:

PERSPECTIVA: Como saber se o tema é ideal?

EVA ARANTES: Além de ser interessante, ele tem que ter relevância para a área de comunicação e de relações públicas. Então, o aluno tem que trazer um tema que traga alguma contribuição para a área de RP. Ele tem que estar dentro de comunicação e trazer essa contribuição, isso é importante. Então, o tema tem que ser interessante, ter relevância e ter referencial teórico para ele embasar, porque tem aluno que chega com o tema muito fora do campo teórico e aí a gente não tem referencial.

Portanto, para que não haja desespero na hora de realizar o TCC, trabalho essencial para conclusão da graduação, é necessário que o estudante não deixe para pensar no tema somente no último período. Amadurecer a ideia poderá facilitar a organização e alcance de resultados positivos.

Governo anuncia corte de verbas em 30% nas universidades públicas do país

Por Ana Clara Moreira, Valdeci Ramos, Ester Dourado, Katlin Rayane, Murilo Quiel e Olexandra Luziardi.

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, anunciou, dia 30 de maio de 2019, corte de verbas em todas as universidades públicas do Brasil. O bloqueio foi de 30%, segundo ele: “Universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas”.

Além de afirmar que o desempenho dos alunos na faculdade está baixo e que as universidades estão lotadas de “sem-terras dentro do campus e gente pelada”. Em outra declaração dada pelo ministro, após ser duramente criticado por sua justificativa, ele optou por explicar como esse projeto beneficiaria o Brasil, focando na economia e frisou “Não há corte, há contingenciamento”. Ele afirma que os recursos voltarão assim que a reforma da previdência for aprovada e a economia do país voltar a crescer.

Diante dos cortes, o Jornal Perspectiva procurou a comunidade acadêmica da Universi-

dade Federal de Goiás, campus Samambaia, para ouvir a opinião dos alunos e professores sobre como o corte afetaria a UFG em diversas instâncias.

Entrevistamos o professor da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Mayllon Oliveira, mestre e estudante de doutorado na FIC.

PERSPECTIVA: Como professor, qual a sua opinião sobre o corte de verbas nas universidades?

MAYLLON OLIVEIRA: O corte de verbas é particularmente complicado; pois ele não está seguindo apenas uma perspectiva econômica, ele é antes de tudo político. Sendo um ato político, ele vem a partir de uma perspectiva de não só conter o que é produzido e feito na universidade, como também com uma perspectiva de direcionar os esforços para certa ciência dura, para uma “pseudo-utilidade” daquilo que é visível a pouco prazo e isso é um problema sério.

PERSPECTIVA: De que maneira isto afetaria sua função como professor?

MAYLLON OLIVEIRA: Este corte afeta a função do professor

em três instâncias:

1. Saber que tudo isso está acontecendo por uma questão política ideológica; isso traz certo receio sobre o trabalho do professor.

2. Afeta sobre a questão econômica; pois os recursos estão cada vez mais escassos, não apenas se referindo às pesquisas, mas também de faltar energia, água, papel, uma série de coisas.

3. Afeta não só os professores, como também os alunos; pois eles estão tão focados neste assunto e não estão pensando realmente no necessário, como a formação profissional, pessoal e a formação quanto cidadãos.

PERSPECTIVA: Poderia acontecer alguma mobilização por partes dos professores contra o corte de verbas?

MAYLLON OLIVEIRA: Eu acho que essa mobilização dos professores já acontece. E ela naturalmente ela vai ser pressionada... Haverá novas formas de pressões a esse governo. Ela acontece numa frente, que é uma frente ideológica, que é basicamente mostrar para os alunos isso que está acontecendo, dar-lhes condições de pensamento sobre isso que está acontecendo. Isso pre-

cisa estar muito transparente, que esses alunos tomem suas decisões a respeito, porque eles são sujeitos pensantes, nós os formamos para isso. Porém, isso é uma estrutura em longo prazo. A segunda forma como isso acontece é, principalmente, que agora estamos numa espécie de resiliência, que é atender aquilo que precisa na universidade, com essas condições precárias que nos são dadas, até que isso chegue em um estopim. Serão greves bem pontuais, greves diárias, alguns movimentos na rua e essas são as formas mais visíveis em que isso acontece. Porém o pensamento é uma greve na atual conjuntura do governo, não só desestimularia ainda mais os alunos, como jogaria “a última pá de cal” na falida educação brasileira. Então de certa forma se manter dando aula, se manter na sala de aula, se manter colocando os alunos para pensar é o agir político possível ou pelo menos a possibilidade mais interessante, nesse momento, na atual conjuntura.

PERSPECTIVA: Como aluna, qual a sua opinião sobre o corte de verbas nas Universidades?

ESTUDANTES: Para Selena da Silva “Os gastos com a educação representam investimentos e não devem ser contidos em favor dos interesses de um governo que não prioriza o conhecimento. (...) O corte de verbas implica para mim em um retrocesso”. Monalisa Bastos vê os cortes como “desesperador

e “desmotivante””: “as universidades federais oferecem, além dos ensinos de graduação e pós, incentivos e recursos para pesquisa e extensão e também atendimentos para a sociedade, como médicos, dentistas, médicos veterinários, psicólogos; ou seja, é uma causa que devemos lutar não só como estudantes, mas como cidadãos.”.

PERSPECTIVA: O ministro da Educação, Abraham Weintraub disse a seguinte frase: “sem-terra dentro do campus, gente pelada dentro do campus”. O que você acha dessa afirmação?

ESTUDANTES: Camila Leão rebate a frase do ministro da Educação, “(...) qual seria o problema de haver sem terras dentro do campus? Se eles estão lá é por que estão estudando, dando palestras e não fazendo ocupações como o ministro dá a entender.” Para Monalisa, essa frase só retrata “a desinformação e a ignorância que a maioria das pessoas - entre elas, os políticos - têm em relação as universidades federais.”



“O corte de verbas é particularmente complicado; pois ele não está seguindo apenas uma perspectiva econômica, ele é antes de tudo político.”

MAYLLON OLIVEIRA
Professor da FIC - UFG

Manifestações

Milhares de estudantes de todo o Brasil se reuniram nos dias 15 e 30 de maio de 2019 em protesto contra os cortes, nas que foram as primeiras grandes mobilizações contra as ações do presidente. Os protestos do dia 15 ocorreram em 26 estados e Distrito Federal, enquanto o segundo protesto (30) ocorreu em 21 estados e DF.

Diante das manifestações ocorridas nos dias 15 e 30 de maio, perguntamos às alunas entrevistadas o que acharam dessas paralisações que ocorreram em todo país e mobilizaram grande parte dos estudantes:

Para Selena: “15 e 30 de maio foram atos emblemáticos na história do país por configurar o reconhecimento da população acerca da importância da educação. Desse modo, é visível à unificação do povo trabalhador juntamente com os estudantes em prol de um bem maior.”. Camila argumenta que se sente temerosa sobre o futuro que nos aguarda, mas ao mesmo tempo se sente feliz ao pensar em docentes, discentes e servidores se unindo na luta pela mesma pauta, a educação pública. Monalisa complementa dizendo que: “As manifestações são de extrema importância para mostrar ao governo que todos nós - estudantes, professores, pesquisadores etc. - estamos atentos e ativos na luta pela educação pública gratuita, de qualidade e para todos.”.

A mídia como alvo do governo

Por Amanda Santos Torreal e Thaffila Gabriele Latavani Monteiro.

No ano de 2019, meio século depois do início da Ditadura Militar que censurou a imprensa, o novo governo diariamente vem questionando, ironizando e criticando o trabalho das mídias. Parte disso ganhou maior repercussão quando o Banco do Brasil teve sua propaganda vetada por ordem do governo, no dia 14 de abril de 2019. Em entrevista para o jornal O Globo, o Presidente Jair Bolsonaro afirmou que o comercial contém muita diversidade. Depois da decisão tomada, a rede de fast foods Burguer King se posicionou contra o ato. E o Presidente manifestou-se em rede social, dizendo: “não é censura, é respeito com a população brasileira.”

A propaganda veiculada em canais abertos mostrava jovens de diferentes etnias enquanto a locutora narrava frases como: “fazem carão”, “biquinho de ‘vem cá me beijar’”, “quebrada de pescoço para o lado”, “cara de rica irritada” e “movimento natural esquisito”. Na filmagem apareciam mulheres negras, um homem em um salão de beleza, outra mulher com cabelo rastafari, um homem com cabelo rosa, uma mulher com cabelo curto e um homem em uma ba-



Burguer King na Avenida São Francisco de Assis, em Anápolis, Goiás



Banco do Brasil, Anápolis, Goiás.

lada. De acordo com o diretor da propaganda, a intenção era de incentivar jovens a abrirem uma conta no banco. Segundo Bolsonaro, em entrevista à GloboNews, a campanha publicitária: “Não é a minha linha.”

Com a repercussão do caso, a rede de fast food Burguer King resolveu se pronunciar e produzir campanha publicitária em menos de 48h. Na mensagem compartilhada na rede social Twitter, dizia:

“Procura-se elenco para comercial. Para participar, basta se encaixar nos seguintes requisitos: ter participado de um comercial de banco que tenha sido vetado e censurado nas últimas semanas. Pode ser homem, mulher, negro, branco, gay, hétero, trans, jovem, idoso. Curtir fazer selfie é opcional”

A ação da empresa gerou resultados impressionantes, colocando-a entre os assuntos mais comentados da rede social. Apesar de grande parte do público gostar da proposta, simpatizantes do governo resolveram lançar uma campanha para provocar o boicote à rede de sanduíches. Segundo a empresa: “Não é uma campanha contra ninguém e sim a favor da diversidade. Tanto que a grande maioria das pessoas entendeu e gostou. Tem uma minoria que não entendeu a mensagem e por isso não gostou, mas faz parte.”

Os meios de comunicação possuem importante papel na formação da opinião pública e parte de acontecimentos, como a censura a propaganda do Banco do Brasil, se dá pelo controle das atividades que o atual governo busca ter ao monitorar o que deve ou não ser exibido para a população. Segundo declarações de Jair Bolsonaro, apesar dos incômodos que já teve com a imprensa, é necessária a existência da imprensa para que “a chama da democracia não se apague.”

A fim de saber a opinião dos maiores afetados por esse modo de governar, a estudante de jornalismo da Pontifícia Católica de Goiás (PUC), Thays Araujo Chave, que apoia e faz parte da comunidade LGBT, concedeu entrevista para o Jornal Perspectiva e, como formadora de opinião, demonstrou preocupação.

PERSPECTIVA: Tendo em vista o recente caso de censura da pro-

paganda do Banco do Brasil, qual a sua opinião a respeito?

THAYS ARAÚJO: Eu acredito que a censura, nesse caso, é uma tentativa de nosso governo (e que por acaso nada mais é do que um reflexo também da nossa sociedade brasileira) de homogeneizar campanhas publicitárias e, conseqüentemente, manter os grupos que têm sido historicamente marginalizados nessa situação de invisibilidade.

PERSPECTIVA: Como profissional da área de comunicação, de que forma você acha que o novo governo irá interferir na sua futura atuação?

THAYS ARAÚJO: Como futura profissional da área de comunicação, creio que não poder cumprir com meu papel de canal de informação e não ter o livre arbítrio de crítica, de exposição de diversidade, da realidade tal qual ela é, tirará o direito de expressão do comunicador para com a sociedade! Sua essência

PERSPECTIVA: Diante do contexto histórico do Brasil, como você enxerga a forma como as mídias e os demais meios de comunicação vem sendo criminalizados pelo atual governo?

THAYS ARAÚJO: Enxergo como uma forma branda e até imperceptível por muitos, de calar opositores ao governo e suas críticas, a minoria marginalizada como mulheres, negros e LGBTQ'S e algumas polêmicas direcionadas ao presidente e sua família. A censura sempre existiu

de certa forma, mas agora, mais do que nunca, vemos que ela é mascarada e também suavizada por certa parte da população que discorda de certos estilos de vida e opiniões!

O jornal Perspectiva entrevistou também Ana Clara Moreira estudante de Relações Públicas, curso de comunicação da Universidade Federal de Goiás.

“Acho absurdo que no tempo em que vivemos a diversidade seja alvo de censura. Acredito que as propagandas feitas por órgãos públicos devem ter como objetivo disseminar aceitação a todos os tipos de realidades existentes no país e a censura a uma propaganda que mostra isso dá pra mim a ideia de um governo que governa para poucos e os que são similares a eles.”, diz a estudante.

PERSPECTIVA: Como profissional da área de comunicação, de que forma você acha que o novo governo irá interferir na sua futura atuação?

ANA CLARA MOREIRA: Como estudante de uma universidade federal, temo que o governo conclua os cortes que promete fazer e isso afeta diretamente minha formação futura. Em relação a minha atuação na área, acho que é um medo geral que esse governo abafe e proíba manifestações que mostrem diversidade na área da comunicação.

** Nota de esclarecimento: tentamos entrar em contato por e-mail com a assessoria de comunicação do Banco do Brasil e da rede de fast food Burger King, porém não obtemos retorno.*

Como os indígenas são recebidos pela UFG?

Por Adna Oliveira, Kaiaia Suya, Johnny Rocha Evangelista e Melanie Siqueira Rodrigues.

Os indígenas fazem parte de 0,47 % da população brasileira. Através de lutas sociais e movimentos indígenas é que se conseguiu o reconhecimento para a comunidade no Brasil. Pouco a pouco foi conquistado o acesso aos serviços públicos, saúde e educação. Uma das conquistas marcantes foi o acesso ao ensino superior, que trouxe mais atuação e visibilidade do indígena na sociedade.

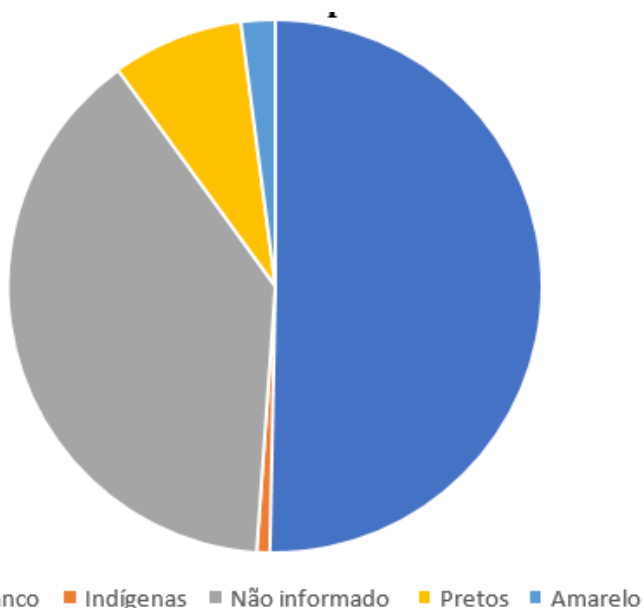
Segundo dados do Inep, o número de ingressantes in-

dígenas na Universidade Federal de Goiás cresceu 52,5% dos anos de 2015 para 2016. Em contraposição, uma nova pesquisa do Inep aponta que maioria dos indígenas não recebem apoio do governo no período dos estudos, o que faz com que ocorra desistência dos cursos superiores.

Um dos motivos para o número de indígenas ter diminuído nas universidades é relacionado à questão de políticas públicas de ingresso às instituições de ensino, o processo burocrático, o número limitado de bolsa auxílio para o mantimento dos mesmos na universidade que, na maioria dos casos, vem de outros estados. Para constatar tal rea-

lidade, o Jornal Perspectiva entrevistou alunos indígenas da Universidade Federal de Goiás que contam as dificuldades para o acesso à universidade.

Evelyn é uma das indígenas da UFG. Com 21 anos, graduanda em Geografia, ela entrou na universidade em 2019 e veio do Pará da Aldeia Pichitumbas (aldeia dizimada) para Goiânia. Saindo de um luto no qual perdeu a filha de nove meses, enfrenta dificuldades financeiras para se manter na universidade. Por não receber a bolsa-auxílio, é necessário que ela diminua o ritmo dos estudos para se dedicar mais ao trabalho e, assim, conseguir concluir a



Matrículas no ensino superior

Fonte: Censo da Educação Superior 2016

graduação. Com isso, conta que tem dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho, pois a carga de matérias e conteúdo é puxada.

Mike, graduando em Educação Física, conta que no início do curso pensou em desistir em razão da difícil busca pela bolsa de auxílio, mas se manteve firme e continua na busca pela sua formação.

Kaiaia Suya, nascida em Mato Grosso, graduanda em Relações Públicas, conta que houve muita dificuldade quando chegou em Goiânia para iniciar os estudos, não só para ela, como para outros indígenas, que desistiram de estudar. Assim quando chegou, ela

conta que ela e os outros indígenas ficaram alojados em um ginásio de esportes sem estrutura para dormir, nada era definido, por isso mudavam diversas vezes de casas.

A indiferença e os olhares

Dos cinco estudantes indígenas entrevistados pelo Perspectiva, dois informaram ao jornal que sentem por parte de colegas e alunos de classe olhares indiferentes, não são vistos como maioria, são vistos como algo inusitado e não normal. Para Evelyn, ser uma indígena na universidade é desgastante, mas como mulher, estudar na UFG remete ao empoderamento “É ser resistência, mostrar que estamos ali, por muito tempo, as pessoas veem que os indígenas estão meio que “apagados” da história. As pessoas não nos veem como pessoas normais, a sociedade é muito miscigena e devia haver mais respeito e menos preconceito.

Já o entrevistado Paulinho, graduando em Zootecnia, conta ao Jornal Perspectiva que, apesar das indiferenças, tenta se enturmar com os outros colegas de sala, pois quer estar dentro de assuntos do cotidiano deles, o qual não está acostumado.



Kaiaia Suya, estudante da UFG, é indígena do Mato Grosso

há limites para a manifestação de pensamentos?

Por Anna Carolina Aquilino Matos Samagaio.

Nas sociedades mais antigas, o homem estava distante da percepção de si como sujeito propriamente dito, uma vez que o senso coletivo preponderava em relação ao pessoal. Nesse sentido, violar normas à sombra do mito - o qual legitimava um sistema complexo de permissões e proibições -, era algo que estigmatizava não só o transgressor, mas também todo o grupo a que este pertencia. Somente na Idade Moderna é que a noção individual ganha forma, quando conquistamos o direito à liberdade de expressão pela semente da democracia. Hoje, o questionamento acerca da existência de limites a tal direito tem sido colocado em pauta, já que, sob a justificativa da livre expressão de pensamentos, muitos têm violado e difamado a intimidade e a imagem de outrem.

Um dos processos surgidos a partir da instituição do capitalismo industrial foi a polarização midiática, haja vista que, por meio dela, as oligarquias vislumbraram um instrumento capaz de manipular grandes massas. Revistas, rádios e, posteriormente, aparelhos de TV, então utilizados como mecanismos manipuladores, ocasionaram a introversão da pequena burguesia no conforto doméstico. Esta, alienada e distraída, isentou-se de uma maior responsabilidade social; estava muito mais preocupada em consumir os ideais, produtos e trajes veiculados pelas mídias a fim de imitar a alta burguesia. Destituído de instrumentos que estimulassem o pensamento crítico, o cidadão alienado passa a compor grandes massas que disseminam e coadunam com ideias superficiais, arcaicas e, até mesmo, preconceituosas.

Em nosso país foram implementadas medidas como a estipulação da complementariedade entre televisões estatais, públicas e privadas - pela EBC (Empresa Brasileira de Comunicação) - e a sanção da Lei 12.965/14 - conhecida como Marco Civil da Internet -, que

estabelece garantias, direitos e deveres para o uso da Internet. Ademais, a comunicação digital nos propiciou uma maior democratização midiática. Apesar disso, muitos canais televisivos ainda insistem em veicular sensacionalismos, programas de caráter distrativo e paradigmas culturais; também sobrevieram à sociedade fenômenos como as “fake news” ou falsas notícias - as quais geram estardalhões imensuráveis e denigrem as imagens de pessoas públicas e privadas -, bem como a disseminação de discursos de ódio, que estimulam à violência.

Podemos perceber, muito claramente, que o controle e a manipulação sobrepujam a opinião pública e individual, o que dificulta a formação do pensamento crítico. Além disso, ideais preconceituosos e violentos estão escondidos sob a carapuça da liberdade de expressão. O cerne deste direito, por sua vez, tem sido corrompido pela conduta de cidadãos mal-intencionados. Faz-se necessário salientar que a liberdade de pensamento, apesar de constituir um direito fundamental, não é absoluto, desse modo, está atrelado a deveres ou limites. Está explícito na Constituição Federal que tal direito serve para proteger a manifestação de pensamento, artística, científica, intelectual e toda discussão que seja essencial para a manutenção de um Estado democrático. No entanto, qualquer manifestação contra a honra de terceiros configura crimes que se subdividem em calúnia, difamação e injúria.

Nota-se que a construção da cidadania e efetiva liberdade de expressão dependem da conduta de indivíduos críticos, os quais só são lapidados a partir da exposição a discussões abertas e racionais. É necessário que tomemos consciência acerca dos materiais midiáticos a que estamos expostos para fugirmos do senso comum e, mais do que isso, para que não nos tornemos disseminadores de condutas que perpassem a integridade de outras pessoas. Ainda que haja muitas falhas em se tratando do meio Comunicacional, as mídias íntegras existem e precisam ser acessadas com maior frequência.